



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**PRISCILA BENEVIDES DE ARAÚJO**

**A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA SEGUNDA GUERRA  
MUNDIAL: BASEADO NOS ESTUDOS DE WENDY LOWER**

**CAMPINA GRANDE/PB**

**2019**

**PRISCILA BENEVIDES DE ARAÚJO**

**A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA SEGUNDA GUERRA  
MUNDIAL: BASEADO NOS ESTUDOS DE WENDY LOWER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em história.

Orientador: Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes.

**CAMPINA GRANDE/PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663p Araújo, Priscila Benevides de.  
A participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial [manuscrito] : baseado nos estudos de Wendy Lower / Priscila Benevides de Araujo. - 2019.  
24 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes , Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Análise literária. 2. Segunda Guerra Mundial. 3. Holocausto. 4. Mulher. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

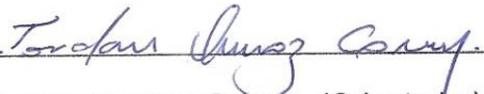
PRISCILA BENEVIDES DE ARAÚJO

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:  
BASEADO NOS ESTUDOS DE WENDY LOWER

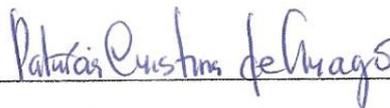
Artigo apresentado na Graduação em  
Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de graduada  
em história.

Aprovada em: 17.02.2019.

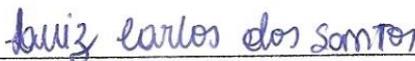
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes. (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Patrícia Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Msc. Luiz Carlos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
I. WENDY LOWER E SUA OBRA <i>AS MULHERES DO NAZISMO</i> .....	8
II. ESTUDOS RELACIONADOS A HISTÓRIA DAS MULHERES.....	11
III. A HISTÓRIA DAS MULHERES.....	14
IV. A GERAÇÃO DE MULHERES QUE SE FORMOU NA ALEMANHA .....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	24

# A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: BASEADO NOS ESTUDOS DE WENDY LOWER

ARAÚJO, Priscila Benevides<sup>1</sup>

## RESUMO

A participação das mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial traz um novo conhecimento sobre seu papel que por muito tempo ficou atrelado a boas esposas e seguidoras de Hitler, e Wendy Lower (2014) foi a pioneira que trouxe fatos importantes em seu livro *As Mulheres do Nazismo* que mostra o posicionamento de jovens nos campos de extermínio do Reich, essas mulheres eram enfermeiras, professoras, secretárias, assistentes sociais, esposas e amantes, que viram na expansão do império nazista como uma oportunidade de carreira e casamento, mas certamente não sabiam o que testemunhariam ou fariam. Participaram dos saques a bens e foram brutais com os judeus nos guetos da Polônia, Ucrânia e Bielorrússia. Será trabalhado neste artigo como se deu a participação dessas mulheres baseado nos estudos e pesquisas do livro *As Mulheres do Nazismo* realizado por Lower, com a finalidade de compreender suas ações, que muito contribui para uma história das mulheres, que pode ser considerado um lado obscuro das mulheres alemãs, mas também pode ser considerado que foram incentivadas por um regime que lhe davam maior "liberdade".

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial, Holocausto, Mulheres.

## ABSTRACT

The participation of German women in World War II brings a new insight into their role that has long been tied to good wives and followers of Hitler, and Wendy Lower (2014) was the pioneer who brought important facts in his book *The Women of Nazism* which shows the positioning of young people in the Reich extermination camps, these women were nurses, teachers, secretaries, social workers, wives and lovers, who saw in the expansion of the Nazi empire as a career and marriage opportunity, but certainly did not know what would witness or do. They participated in the looting of goods and were brutalized with Jews in the ghettos of Poland, Ukraine, and Belarus. It will be worked out in this article as the participation of these women took place based on the studies and researches of the book *The Women of the Nazism* realized by Lower, with the purpose to understand its actions, that much contributes to a history of the women, that can be considered a dark side of German women, but can also be considered to have been encouraged by a regime that gave it greater "freedom."

**Keywords:** World War Two, Holocaust, Women.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – E-mail: cila\_benevides@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise bibliográfica do livro *As Mulheres do Nazismo* de Wendy Lower que trabalha como se deu a participação das mulheres no movimento nazista que aconteceu na tão conhecida Segunda Guerra Mundial, mais precisamente as mulheres alemãs que foram enviadas para o Leste da Europa a partir de 1941, e de alguma forma tiveram sua contribuição para os feitos da época. O interesse por discorrer sobre esse tema é o simples fato de que por muito tempo não se conhecia a história das mulheres, que foram ocultadas pela sociedade, onde apenas conhecíamos os grandes feitos pelos homens, mas isso é uma das consequências que se constituiu no fazer história, mas que se expandiu no decorrer dos anos. Seguindo esse fato, como se deu a participação das mulheres nesse contexto? Porque se tornou um objeto de estudo tão importante de ser trabalhado? O que isso pode contribuir para o conhecimento?

As mulheres começaram a ter uma participação mais considerável durante a guerra no momento em que grande parte dos homens estavam nas frentes de batalhas, e precisavam que alguém continuasse fazendo a manutenção nas fábricas, pois o movimento havia conquistado uma grande demanda de terras. Inicialmente, como precisava-se de poucas mulheres eram aceitas as que iam de forma voluntária, mas no decorrer do avanço de combates muitas mulheres foram obrigadas a trabalharem no movimento nazista e, a partir daí, passaram a ocupar cargos que antes eram considerados masculinos, como a engenharia e supervisor de produção. Porém, em cada país haviam funções específicas ao qual a mulher poderia exercer, porém na maioria deles era comum as mulheres serem convocadas para as frentes de trabalho, partindo do setor industrial até os exércitos. Como exceção na Alemanha, essa participação das mulheres não foi utilizada durante muito tempo, o papel da mulher era basicamente o que se conhece, viver para o lar e reproduzir, e nesse caso, a raça pura.<sup>2</sup>

No entanto, em estudos recentes mostrou um outro lado que ainda não tinha sido trabalhado e que era, de uma certa forma, desconhecida, isso porque os objetos de estudos são escassos, e o que se encontra são apenas fragmentos. No livro *As*

---

<sup>2</sup> Informações retiradas do site HistóriaHoje.com, uma pesquisa realizada por Natania Nogueira que faz um breve estudo sobre como se deu a participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial, de uma forma mais branda e objetiva, mas que muito contribuiu para a formulação do projeto.

*Mulheres do Nazismo*, 2014, a historiadora e pesquisadora Wendy Lower nos apresenta uma outra história, eram mulheres que tinham como função serem professoras, enfermeiras e secretárias, todas elas alemãs que se empenharam no projeto nazista. Mas esse não era o único objetivo delas, também queriam se casar com os grandes líderes do Reich e assim ocupar um grande cargo, e isso lhes davam uma posição favorável, digamos que era um “status”, e participavam diretamente ou indiretamente dos princípios nazistas. Essas mulheres queriam mostrar o seu valor para os homens e muitas delas se tornavam matadoras e isso sem nenhuma culpabilidade, para elas estavam apenas fazendo o que o regime nazista propunha.

É importante trabalhar com esses fatos para que possamos perceber que mesmo em uma época onde eram consideradas sexo frágeis, as mulheres tinham sua força e buscavam serem reconhecidas, mostrando que podiam fazer qualquer tipo de trabalho e queriam conquistar um campo social maior do que aquilo que lhe era imposto. Suas vidas eram resumidas apenas ao ambiente doméstico, mas tinham sonhos de ir muito mais além, e durante esse período tiveram uma maior “liberdade”, mesmo que após o fim da guerra voltariam as suas vidas “normais”. Muitas mulheres viram esse momento como oportunidade de crescimento, mesmo que não fosse algo almejado por todas, elas tiveram como trabalhar e participar das atividades que antes eram consideradas apenas masculinas.

Conhecer essa parte da história se torna necessária para entender que não foi momento de um único personagem, pois quando falamos de Segunda Guerra Mundial nos remetemos mais rapidamente a figura de Hitler e ao Holocausto, mas hoje vemos que essa época não se resume apenas a isso, e com convicção a história das mulheres não será normalmente apresentada nesse contexto. Pode-se trabalhar com a história das mulheres no ambiente da educação, para mostrar que elas tiveram presentes em vários contextos históricos, e seus feitos foram tão importantes quanto dos seus líderes. E desde a *Escola dos Annales* podemos perceber como foi se constituindo a História das Mulheres e como se tornaram importantes de ser estudadas, mediante as suas ações, experiências e resistência a todo um aparato social.

## **I. WENDY LOWER E SUA OBRA AS MULHERES DO NAZISMO**

Wendy Lower nasceu em 1965 nos Estados Unidos, é historiadora, pesquisadora, professora e autora de obras amplamente publicadas sobre o

Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, atualmente ocupa a cadeira John K. Roth<sup>3</sup> no Claremont McKenna College<sup>4</sup>, em Claremont, Califórnia. Em 2014 foi nomeada diretora do Centro Mgrublian de Direitos Humanos, e a partir de 2016 começou a atuar como diretora interina do Jack, Joseph e do Centro Morton Mandel de Estudos Avançados sobre o Holocausto no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, D.C.

Entre os anos de 2000 e 2004, Lower foi diretora de programas acadêmicos dos visitantes do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Foi professora assistente na Universidade de Towson, em Maryland, entre 2004 e 2007. Nos cinco anos seguintes, morou na Alemanha e trabalhou no Seminário Histórico da Universidade Ludwig Maximilian de Munique como pesquisadora associada, enquanto atuava como diretora de pesquisa de história oral para a Universidade de Munique. Também foi professora associada do Centro Familiar Strassler para Estudos do Holocausto e Genocídio na Clark University para o ano letivo de 2011 a 2012.

As áreas de pesquisa de Lower incluem a história da Alemanha e da Ucrânia na Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, a história das mulheres, a história dos direitos humanos e estudos comparativos de genocídio. A obra mais conhecida de sua produção é o livro *Fúrias de Hitler: Mulheres Alemãs nos Campos de Extermínio Nazista*, que foi publicado no ano de 2013 e traduzido em 21 idiomas diferentes, foi finalista do Prêmio Nacional do Livro no mesmo ano de sua publicação na categoria de não-ficção e do National Jewish Book Award<sup>5</sup>.

Lower considera a arrogância, o medo, o ciúme, o eslavo<sup>6</sup> e o comunismo como as declarações centrais da política imperial dos nazistas na Europa Ocidental, onde suas pesquisas nos arquivos de Zhytomyr<sup>7</sup>, que fazia parte da Reichskommissariat<sup>8</sup> alemã na Ucrânia durante os anos de 1941 e 1944, também a

---

<sup>3</sup> Conhecido por suas contribuições como escritor e editor sobre os principais temas do Holocausto, e é professor de filosofia da religião no Claremont McKenna College.

<sup>4</sup> É uma faculdade mista de artes liberais, e tem uma ênfase curricular em economia, finanças, relações internacionais, governo e assuntos públicos.

<sup>5</sup> Prêmio Nacional do Livro Judaico, patrocinado pelo Conselho do Livro Judaico (Jewish Book Council) que é uma fundação que incentiva e contribui para a literatura judaica. O objetivo do conselho é promover a leitura, redação e publicação de livros da língua inglesa de qualidade em conteúdo judaico na América do Norte.

<sup>6</sup> É o termo usado para se referir a uma ramificação étnica e linguística de povos indo-europeus que vivem principalmente na Europa central e oriental.

<sup>7</sup> Cidade no norte da metade ocidental da Ucrânia.

<sup>8</sup> Regime de ocupação civil de grande parte da Ucrânia ocupada pelos alemães nazistas, onde as tarefas da administração incluíam a pacificação da região e a exploração de seus recursos e pessoas, para benefício alemão.

levou ao seu próximo projeto: explorar o papel das mulheres alemãs nas políticas genocidas nazistas na Polônia ocupada e na União Soviética. Ela examina suas tentativas de realizar seus objetivos para conquistar povos eslavos e o assassinato de judeus, abordando a questão do por que essas mulheres perpetradoras não foram levadas à justiça após a guerra.

O livro *As Mulheres do Nazismo* tem seu título original de *Fúrias de Hitler: Mulheres Alemãs nos Campos de Extermínio Nazista*<sup>9</sup>, porém após ser traduzido para o português sofreu essa alteração. No Brasil sua publicação foi no ano de 2014 no Rio de Janeiro, publicado pela Editora Rocco e traduzido por Ângela Lobo, a edição brasileira foi publicada mediante acordo com a Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, uma editora educacional e comercial dos Estados Unidos que publica livros didáticos, materiais de tecnologia instrucional, avaliações, obras de referência e de ficção e não-ficção para jovens leitores e adultos. O livro é dividido em 13 capítulos que buscam explicar da melhor forma os estudos e pesquisas realizadas por Lower sobre como se deu a participação das mulheres alemãs na parte Leste da Europa como, por exemplo, na Ucrânia, Polônia e Bielorrússia.

Wendy Lower iniciou sua pesquisa para a produção do livro no ano de 1992, e para ir em busca dos objetos de pesquisa teve que viajar primeiramente para a cidade de Zhytomyr, na Ucrânia, que durante a Segunda Guerra Mundial foi o quartel-general de Heinrich Himmler, o arquiteto do Holocausto. Ao ter acesso aos arquivos Lower fala que haviam páginas com marcas de botas e bordas chamuscadas, devido os documentos terem sobrevivido a dois ataques, um pela evacuação nazista com a queima de evidências incriminadoras e o outro pela destruição da cidade durante as lutas de novembro e dezembro de 1943 com a ocupação nazista alemã. Segundo Lower, (2014, p.14):

*Os arquivos continham trechos interrompidos de correspondências, restos de papéis rasgados e com tinta desbotada, decretos com assinaturas pomposas ilegíveis deixadas por oficiais nazistas subalternos e relatórios policiais de interrogatórios com trêmulas assinaturas rabiscadas por camponeses ucranianos aterrorizados.*

Foi nessas pesquisas que Lower encontrou nomes de jovens alemãs que tiveram participação ativa na construção do império Hitler na região, porém apareciam em listas inofensivas, burocráticas e de professoras de jardim de infância, sendo assim, voltou aos arquivos dos Estados Unidos e da Alemanha para buscar registros

---

<sup>9</sup> Primeira versão publicada em 2013.

de mulheres alemãs que foram enviadas para o Leste, mais precisamente as que testemunharam e perpetraram o Holocausto. E dentro dos registros investigativos do pós-guerra descobriu que muitas mulheres haviam sido chamadas para testemunhar e muitos dos depoimentos eram diretos, pois os promotores estavam mais interessados nos crimes dos colegas e dos maridos do que nos dela.

## II. ESTUDOS RELACIONADOS A HISTÓRIA DAS MULHERES

Trabalhar com essa temática nos remete ao campo de estudo da História Social e a Micro História, além de haver uma interdisciplinaridade com o campo de estudo da Sociologia, que muito contribuiu para a construção de uma história das mulheres, devido terem se tornado um objeto de estudo importante de serem estudadas, em frente aos seus atos e feitos ao longo dos contextos históricos.<sup>10</sup>

A História Social nos traz uma referência ao movimento da *Escola dos Annales* e as diversas expressões de sua ambiguidade, essa ligação se faz necessária devido ter se tornado um marco para a construção de uma nova história. A revista e o movimento foram fundados por Bloch e Febvre em 1929 na França, e eram contrários a historiografia factualista, que mantinha suas ideias centradas em grandes homens e os grandes feitos. Em contraposição defendiam uma história-problema, viabilizando um alargamento nas temáticas, métodos, objetos e metodologias no campo das ciências humanas, trazendo a interdisciplinaridade para a formulação de uma pesquisa histórica.<sup>11</sup>

Nas décadas de 1930 e 1940 a história social era vinculada a cultura, abordando os costumes e as tradições, se mantendo conservadora, onde sua produção acadêmica era ligada ao prestígio do historiador, e em sua maioria política e diplomática. Foi a partir das décadas de 1950 e 1960 que a história social começou a se tornar hegemônica, devido as relações estruturais, a conjuntura e o comportamento social que definiram o campo específico a ser estudado, buscando formular problemas históricos específicos. Um aumento da distinção dos métodos

---

<sup>10</sup> Para a organização dos campos que estudam sobre as mulheres foi utilizado o estudo de Rachel Soihet, 1997, onde dedica um capítulo sobre a História das Mulheres no livro *Domínios da História*, que busca contextualizar a formação desse campo de estudo e como se tornou tão importante.

<sup>11</sup> Informações fornecidas por Hebe Castro, 1997, no livro *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*, uma organização de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, em Rio de Janeiro. Ideias retiradas do segundo capítulo que fala sobre a História Social que teve seu marco na Escola dos Annales, que quebrou paradigmas em busca de uma nova história e novas formas de pesquisas.

quantitativos em relação a análise das fontes históricas marcou as décadas de 1960 e 1970, pois dessa forma abriria questões fundamentais para a evolução desse campo de estudo.<sup>12</sup>

A partir da década de 1980 emerge o que ficou conhecido como “novo”, onde o conhecimento histórico sofre grande influência da Nova História e a chamada “crise da modernidade” e, segundo José D’Assunção Barros, a história começa a dialogar com outras áreas, então ela passa a se tornar interdisciplinar, além de que “tudo é história”, e ele próprio explica que nem tudo é história, mas tudo pode se tornar um objeto de história, mostrando também a preocupação com a história da minoria que sofreu influência da Micro História italiana, e que a partir de agora não tem mais aquela preocupação de que sem documento não há história, e sim que sem o problema não há história.<sup>13</sup>

As perspectivas da história, a partir desse momento, passam a ser outras e agora múltiplas, onde vários grupos sociais serão inclusos nos estudos históricos, fazendo com que ocorra o rompimento da hierarquia dos temas e das problematizações privilegiadas, e passa-se a conhecer a história dos negros, das mulheres, dos escravos, entre outros. Percebe-se que se abriu um amplo campo de pesquisa e conhecimento, ao mesmo tempo que novas formas de operar o conhecimento surgiram. Diante as discussões sobre a vida coletiva, com a sociologia podemos compreender como se deu essa organização social, que tem como objetivo tentar resolver os conflitos sociais através do conhecimento científico, e com a ajuda da história vista de baixo podemos melhor compreender como se constituiu os grupos sociais. Segundo Jim Sharpe, (1992, p.59):

*A importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio de reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.*

Porém, foi com o movimento da Micro História italiana que a sistematização dos historiadores sobre o estudo social se aprofundou ainda mais, onde as

---

<sup>12</sup> Os estudos de Hebe Castro contribuíram para compreender como foi se constituindo a História Social no decorrer dos anos, e como foram se aprimorando as formas de se entender a sociedade, a partir das minorias, que se tornaram importantes no campo de pesquisa da História.

<sup>13</sup> Informações fornecidas por José D’Assunção Barros, em seu livro *A Expansão da História*, em Rio de Janeiro, 2013, é uma conferência em que busca esclarecer como a história vem tornando cada vez mais complexa como um campo de estudo, e mostrar o amplo campo de pesquisa que se constituiu como passar dos anos, além de se construir uma interdisciplinaridade com outros campos de pesquisa e estudo, até que chegasse ao que temos hoje como base para uma pesquisa histórica.

perspectivas das identidades coletivas passaram a ser pensadas como fabricadas ou construídas historicamente. Sua temática está ligada ao cotidiano de uma comunidade específica, trabalhando com uma situação-limite e com as biografias, que são ligados aos micros contextos ou a um personagem, mesmo que seja anônimo. Propondo, dessa forma, ao historiador o desenvolvimento da delimitação de um tema mais específico da temporalidade em questão, e o espaço que irá observar as realidades que deixam de ser trabalhadas pela História Geral, fazendo-se revelar fatos e realidades desconhecidas, esclarecendo as conjunturas existentes dentro de uma estrutura já conhecida. Dessa forma, complementa Giovanni Levi (1992), o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados.

Thompson em seus estudos buscou dar voz aos homens e mulheres que foram esquecidos nas teorias estruturalistas, onde buscava perceber as experiências históricas nas lutas de classes e via o conceito de experiência como unificador das ações e, do ponto de vista empírico, é através das experiências que se elabora uma teoria com explicação racional para as mudanças históricas, e observa que o ser social, com frequência, resulta de uma causa material que ocorreu de forma consistente ou inconsciente, e conseqüentemente pode acarretar em uma experiência vivida ou pode refletir causando a experiência observada, e Thompson (1978, p. 199) acrescenta:

*Essa agitação, esses acontecimentos, se estão dentro do “ser social”, com frequência parecem chocar-se, lançar-se sobre, romper-se contra a consciência social existente. Propõem novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à experiência.*

Durante um bom tempo a história da Segunda Guerra Mundial ficou atrelada apenas as lutas dos homens, mantendo as mulheres invisíveis ou fazendo poucas referências a elas, mas com as lutas femininas e sua resistência, fez com que fossem buscadas dentro dos contextos históricos, com o objetivo de compreender como se deu sua participação. Diante a manifestação feminina pôde-se perceber a sua resistência a opressão masculina e todo um aparato social, pois o lugar de mulher era dentro de casa e não nas ruas, podemos dizer que as mulheres deviam ser recatadas e do lar, mas os tempos foram mudando e com ele as atitudes das mulheres. Suas lutas foram vistas como rebeldia, mas mesmo assim resistiram ao preconceito e a rejeição, e percebemos com Michelle Perrot (2017, p. 224) que

*As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas*

*estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.*

Perrot na citação acima fala sobre as mulheres populares na França, mas podemos perceber que não foi o único lugar onde as mulheres mostram a sua resistência e lutaram por seus direitos, para as mulheres alemãs também foi importante buscar quebrar a parametrização da sociedade onde estavam inseridas. As suas conquistas foram possíveis por causa de sua coragem em revolucionar os costumes, ampliando ainda mais seu espaço na sociedade e mercado de trabalho, consolidando novos caminhos, foi por conta disso que se tornaram tão importantes de serem estudadas.

### **III. A HISTÓRIA DAS MULHERES**

As mulheres passaram a serem incluídas na história devido a preocupação de se construir uma identidade coletiva desse grupo social, e com a pluralização dos objetos de investigação histórica, acabaram por se tornarem sujeito da história, e a onda de movimentos feministas, também, contribuíram ainda mais para essa construção a partir da década de 1960. Eram atribuídas apenas duas imagens às mulheres, uma era o papel de vítima e a outra de rebelde, e, até a década de 1970, houve muito discurso sobre sua passividade diante a opressão ou reação das restrições de uma sociedade completamente patriarcal. Segundo Joan Scott, (1992, p. 67-68):

*O feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas.*

Seguindo essa linha de pensamento, podemos dizer que iremos estudar sobre as mulheres rebeldes alemãs que participaram ativamente na Segunda Guerra Mundial, a fim de atingir os seus objetivos. Foi por conta de seus atos que surgiu a importância de buscar entender a complexidade de sua atuação, que viram no crescimento do movimento nazista uma oportunidade de ter um bom casamento e seguir uma carreira, e não pensavam o que podiam ver ou fazer para conseguir o que tanto almejavam. Dessa forma, contribuíram com o Holocausto participando dos saques aos bens judaicos, principalmente, na Polônia, Ucrânia e Bielorrússia, além

de estarem presentes nos campos de extermínio para fazer parte dos assassinatos em massa.

A participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial se tornou necessária a partir do ano de 1939, com o objetivo de instalá-las nos cargos ocupados pelos homens, pois com o avanço da guerra poucos estavam trabalhando nas indústrias. As mulheres viam a guerra como uma oportunidade de trabalho, melhoria de vida, conquista de direitos e um meio de se libertar da vida doméstica, era algo que almejavam desde a Primeira Guerra Mundial quando teve a oportunidade de mostrar seu desempenho.

A partir desse acontecimento aumentou a força das mulheres na sociedade, assim como suas reivindicações, e acreditavam que com suas contribuições na guerra seriam recompensadas ocupando novas profissões e buscando, dessa forma, uma igualdade social. Entretanto, haviam determinações do que a mulher poderia exercer, e nem em todos os países era da mesma forma, muitos deles permaneciam conservadores, mesmo diante a necessidade de mão de obra. Muitas mulheres queriam lutar na linha de frente, mas não eram aceitas no exército como combatentes, só se integravam ao exército para ir aos campos de batalha se fossem trabalhar como enfermeiras, com exceção da URSS que haviam mulheres na linha de frente.<sup>14</sup>

As mulheres apresentadas nesse artigo teve seus objetivos atrelados nesses princípios, porém tiveram atitudes diferentes que mudaram o rumo da história, é algo nos faz pensar uma nova imagem das mulheres alemãs, que por muito tempo ficou consagrada em serem apenas esposas leais e seguidoras do movimento nazista, mas isso se deu devido a uma construção geral do que foi a participação das mulheres, é tanto que se formos pesquisar apenas encontramos as mulheres que trabalhavam nas fábricas ou no ambiente doméstico. O fato de conhecer o que aconteceu no âmbito privado nos proporciona novas visões e fatos ocorridos, que ficaram por tanto tempo desconhecidas, e pode-se encontrar esses fatos registrados nos depoimentos das mulheres pós-guerra e de suas vítimas. Sendo assim, Lower (2014, p. 16) nos diz que

*As Mulheres do Nazismo não eram sociopatas marginais. Elas acreditavam que suas ações violentas eram atos de vingança justificados, praticados contra inimigos do Reich. Na mente delas, esses atos eram expressões de lealdade.*

---

<sup>14</sup> Informações fornecidas no artigo Movimento Feminista na Segunda Guerra Mundial, produzido por alunos do Curso de Licenciatura em História do IFESC, em Ceará, 2015, onde apresenta a batalha das mulheres desde a Primeira Guerra Mundial até que chegassem na Segunda Guerra Mundial, em busca de direitos sociais, econômicos e políticos igualitários.

A historiadora Wendy Lower vem trabalhar sobre as mulheres alemãs que participaram ativamente do Holocausto, matando os judeus e perpetrando os princípios nazistas sem nenhuma culpabilidade, pois apenas estavam sendo leais ao movimento. Essas mulheres foram enviadas ao Leste europeu por ser uma região com maior população de judeus, e tinham como intenção se casar com os líderes do Reich, pois adquiriam poder, influência, liberdade e “status”, para agirem de acordo com o movimento, serem reconhecidas e mostrar seus valores aos homens, sendo assim, para conquistar seus objetivos as mulheres alemãs tiveram que seguir os termos nazistas, e participar de todas as campanhas do Reich, incluindo o Holocausto.<sup>15</sup>

Poucas mulheres participaram da guerra com essa atuação, apenas foram encontrados registros de algumas, totalizando em 13 (treze), pois muitas delas tentavam ficar longe do movimento e minimizar seu papel, porém eram convocadas forçadamente a trabalharem na guerra, e estando próximas aos quartéis e prisões não podiam evitar a tortura psicológica e, dessa forma, estariam mais propensas a participarem diretamente do Holocausto. Segundo Lower, (2014, p. 21):

*Para as jovens ambiciosas, a possibilidade de ascensão estava no emergente império nazista no estrangeiro. Elas deixaram para trás as leis repressivas, a moral burguesa e as tradições sociais que tornavam a vida na Alemanha disciplinada e opressiva.*

As mulheres que estavam no Leste testemunharam e cometeram atrocidades em um sistema que dava maior liberdade para tais atos, vendo o movimento como uma oportunidade profissional e uma experiência libertadora. Alguns dizem que essas mulheres foram culpadas por seus atos, e outros que foram vítimas, mas podemos dizer que foram influenciadas pelos princípios do movimento nazista, por viverem em uma sociedade onde eram reprimidas podiam, a partir desse momento, ter algumas conquistas e liberdade para escapar daquilo que lhe era imposto.<sup>16</sup>

Por muito tempo as mulheres foram esquecidas na história, mesmo tendo uma participação significativa e importante, sendo consideradas sexo frágeis e que apenas deveriam servir ao lar e a família, foram suas experiências que fizeram com que

---

<sup>15</sup> Informações fornecidas por Wendy Lower em seu livro *As Mulheres do Nazismo*, em Rio de Janeiro, 2014, que vem relatar como se deu a participação de algumas mulheres alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, que até então era desconhecida, nos mostrando um outro lado da história das mulheres como participantes ativas do Holocausto.

<sup>16</sup> Em seu livro Lower faz um estudo sobre o lado mais obscuro das mulheres alemãs, que nos faz refletir sobre sua culpabilidade ou não diante os atos que tiveram durante a Segunda Guerra Mundial no Leste da Europa, cometendo crimes que foram defendidos pelo movimento nazista.

buscassem uma posição mais reconhecida, sejam elas experiências vividas ou observadas, pois com o fim da guerra voltaram para suas casas e as práticas habituais, mas não era isso que queriam, almejavam que seus direitos e profissões adquiridos durante a guerra fossem mantidos, porém não foi o que aconteceu.

É importante perceber também que a construção da história das mulheres está ligada à uma questão de identidade, por terem sido por tanto tempo esquecidas, passaram a se preocupar em serem inseridas na história, para que se sentissem dentro de um contexto histórico, pois muito se ouvia, lia e escrevia, mas se perguntava: como faço parte dessa história, se não sou mencionada? Em suas batalhas as mulheres mostram que seu maior objetivo é fazer parte da sociedade ativamente, e foram suas ações que as fizeram um objeto de estudo tão interessante de ser analisado e estudado.

Podemos dizer que a identidade construída pelas mulheres está ligada ao “conceito de si”, “representação de si” e “sentimento pessoal”, se analisarmos diante da perspectiva de identidade social e pessoal, que são atribuídos a especificidade do indivíduo ou pelas características de pertencimento à um determinado grupo ou categoria, onde a identidade é gerada e construída mediante ao fato de ser narrada como uma história em um prático processo de transmitir aos outros, foi dessa forma que conhecemos a história das mulheres e suas lutas para que fossem reconhecidas socialmente, e criaram uma identidade que antes não a tinha.<sup>17</sup> Segundo Stuart Hall, 2006, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

Por muito tempo vivemos em uma sociedade onde a identidade social estabelecida era ligada a um fato nacional, onde todos deveriam se sentir pertencentes a uma mesma identidade não havendo especificidades, porém com o passar dos anos essa questão foi se configurando e no caso das mulheres, assim como outros grupos sociais, foi uma forma de se localizar em um sistema social e se localizar socialmente. Foi uma estratégia de inclusão em um mecanismo que as

---

<sup>17</sup> Informações adquiridas do artigo: O Conceito De Identidade Nos Estudos Culturais Britânicos E Latino-Americanos: Um Resgate Teórico, de Marcielly Cristina Moresco e Regiane Ribeiro, 2015. Nesse artigo encontramos o estudo sobre a ampliação do conceito de identidade a partir de vários teóricos como: Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Homi Bhabha entre outros.

excluía, e de certa forma acabou incluindo-as em um grupo social que as distingue dos demais, fazendo com que fosse construída sua própria história e identidade.<sup>18</sup>

#### **IV. A GERAÇÃO DE MULHERES QUE SE FORMOU NA ALEMANHA<sup>19</sup>**

A maioria dos homens e mulheres que participaram do Terceiro Reich eram jovens que tinham idade entre 18 e 25 anos e formaram a equipe que mantiveram os princípios nazistas em funcionamento, faziam parte desse regime mulheres que eram secretárias, enfermeiras, amantes e esposas da elite da SS. Todo o terror que era propagado pelo Partido Nazista se apoiava no idealismo e na energia das pessoas jovens e, dessa forma, os tornavam obedientes nos movimentos em massa, forças paramilitares e até mesmo perpetradoras de genocídio. Naquela época a Alemanha estava devastada e humilhada devido o pós-guerra da Primeira Guerra Mundial, e afloraram mitos de um renascimento nacional e a busca de um salvador para restaurar a honra do país, que se tornaram atraentes para a juventude e os pobres da zona rural.

Muitas mulheres aderiram a causa de Hitler e trabalharam a seu favor nas urnas, nos escritórios do Partido e em casa, mostrando seu despertar político para o movimento nazista e o seu desempenho nos primeiros embates e eleições. Embora participassem ativamente não foram elas que colocaram Hitler no poder, ele não foi eleito democraticamente e sim nomeado chanceler por vários homens mais velhos da alta classe social, que tinha como interesse utilizar Hitler para esmagar a Esquerda e restaurar o conservadorismo. Conseqüentemente, como nos mostra Lower, 2014, Hitler e seus seguidores exploraram todas as oportunidades e brechas legislativas para transformar a Alemanha em uma ditadura de partido único e uma nação de exclusão racial.

Com todas as mudanças que ocorriam na Alemanha cerca de 8 mil mulheres comunistas, socialistas, pacifistas e “associais” estavam entre as pessoas perseguidas, então não devemos fazer generalizações ao mencionar que todas as mulheres alemãs tiveram atreladas aos mesmos princípios ligados ao Nazismo. O

---

<sup>18</sup> Os estudos e pesquisas realizados por Marcielly Cristina Moresco e Regiane Ribeiro, foram de suma importância para a formulação da questão de identidade nesse projeto, em busca de melhor compreender como se constituiu a identidade das mulheres socialmente.

<sup>19</sup> Informações retiradas do livro *As Mulheres do Nazismo*, estudo realizado por Wendy Lower (2014).

asilo de Moringen foi o primeiro local transformado em campo de concentração onde tinham internas femininas e testemunhas de Jeová que eram pacifistas e se recusavam a aceitar Hitler como seu salvador. Com isso, teve um aumento de prisioneiras e significava que precisava de guardas femininas, então as mulheres começaram a serem treinadas para ficarem nos campos de concentração como guardas, uma função antes vista como masculina. Segundo Lower, 2014, as voluntárias desse serviço macabro viam os locais de extermínio em massa como lugares de emprego e oportunidade. O uniforme era imponente, o salário era bom e a perspectiva de exercer poder era sedutora.

Logo Hitler proclamou que o lugar da mulher era tanto no lar como no movimento, no comício de 1934 em Nuremberg, devido a importância que a mulher desempenhava em manter a raça pura ariana gerando filhos legítimos e passando os conhecimentos Nazistas para as crianças em formação, que naquela época nas escolas da Alemanha não se ensinavam as disciplinas que comumente vemos hoje e sim os princípios Nazistas para manter a nova geração que se criava longe dos inimigos do Reich. Para as mulheres que almejavam chegar no grau de ensino superior ou na política eram limitadas por cotas, pois se mantinha todo um controle no que as mulheres poderiam exercer, para que sua participação não fosse tão abrangente, devido ao conservadorismo que pretendia manter as mulheres ligadas ao ambiente doméstico. Decorrente a isso Lower (2014, p. 35) nos diz que

*Na batalha do Reich por nascimentos, as combatentes femininas tinham que andar na linha, cumprir ordens, se sacrificar por um bem maior, desenvolver nervos de aço e sofrer em silêncio. Tinham que abrir mão do governo do próprio corpo, agora colocado a serviço do Estado.*

Foi muito forte a campanha de reprodução disseminada na Alemanha a partir de 1933 quando Hitler assumiu o poder, e fez com que houvesse uma grande seleção de classes de mulheres em busca de gerir filhos perfeitos, acarretando sua participação na guerra racial nazista. Nem todas as mulheres eram consideradas adequadas, quem apresentasse supostos distúrbios genéticos, prostitutas com doenças venéreas, ciganas e judias eram submetidas a esterilização e a abortos. Era exigido das mulheres o conformismo político de seu papel e até mesmo das meninas que tinham uma formação doutrinada que começava com idade de 10 anos.

Muitas jovens dessa época não se identificavam com as rebeldes, a partir desse momento seu inimigo não era o “macho opressor” e sim os judeus, o bolchevique e até mesmo as outras mulheres da oposição, isso decorrente ao

discurso de que era o intelectual judeu quem pregava a emancipação da mulher. Hitler pretendia com isso retirar os judeus da política e conseqüentemente esmagar o movimento de independência das mulheres na Alemanha, priorizando a disciplina e a conformidade formando agentes de uma revolução racista e conservadora.

A medida em que os exércitos de Hitler conquistavam mais territórios no Leste, as oportunidades de trabalho também cresciam e cada vez mais mulheres estavam ocupando indústrias, escritórios e hospitais criados em função da guerra. Com isso muitas mulheres não estavam mais se casando, tendo filhos ou vivendo apenas para o lar, fazendo com que a taxa de natalidade caísse e o número de divórcio aumentasse. Isso tornou as mulheres cada vez mais visíveis na força de trabalho que não havia sido visto antes na história do país, porém tinha um certo limite nas escolhas e na liberdade que a mulher deveria ter. Segundo Lower, (2014, p. 47):

*Com o passar do tempo, esperava-se que toda mulher que desejasse um cargo administrativo nos escalões superiores do Partido Nazista tivesse um período de treinamento nos territórios do Leste. Em 1943, mais de 3 mil jovens foram para a Polônia, preparando suas carreiras.*

Na época havia um grande estímulo pelo Partido Nazista para a conquista dos povos e terras no Leste Europeu, onde era visto como um lugar para a emancipação do território Nazista e abria o caminho para os alemães se instalarem como governantes imperiais e colonizadores nos territórios conquistados, o principal líder nessa conquista foi Heinrich Himmler que ficou responsável por emancipar a raça ariana na região. Em busca de uma raça pura houve sequestro de crianças polonesas que tinham aparência similar aos alemães, ou seja, cabelos loiros, olhos azuis e pele branca, para que pudessem ser criadas pelas alemãs e, nesse caso as mulheres no papel de administradoras, examinavam as crianças em busca de confirmar se podiam fazer parte do projeto nazista e serem civilizadas.

Para algumas mulheres a ida para o Leste era confusa e difícil, pois não imaginavam o que poderiam encontrar, já para outras era um caminho interessante e visto como mudança de fase em sua vida que lhe dava liberdade de auto realização, e sentiam que aquele lugar trazia sua libertação. Mas, não demorou muito para que algumas mulheres percebessem que o movimento nazista era uma campanha de aniquilação, principalmente as enfermeiras, secretárias e professoras, pois não tinham sido preparadas para encarar a violência, tanto para cometer tanto para reagir, diferentemente dos homens que cresciam influenciados pelo espírito da Grande Guerra. Segundo Lower, 2014, os diversos casos de mulheres que se viram

subitamente face a face com um horror inesperado revelam momentos de descobertas seguidos por algum tipo de adaptação.

Dentre as profissionais femininas, as enfermeiras foram as mais mortais no regime Nazista, diferentemente do que imaginávamos os assassinatos em massa não começaram nos campos de concentração e sim nos hospitais do Reich. As primeiras vítimas foram as crianças, que durante a guerra milhares de bebês deformados e adolescentes inválidos foram mortos com overdose de barbitúrico<sup>20</sup>, injeções letais de morfina, além de ficarem sem comida e bebida. Esses atos aconteciam em defesa do progresso e da saúde da nação alemã, pois viam defeitos e traços “genéticos” herdados como manifestação de uma raça ou um grupo que defendia outra civilização, e só se podia alcançar um padrão de beleza e conduta por meio de remoção das pragas da humanidade, e isso era visto positivamente pelos alemães. Segundo Lower, (2014, p. 135):

*Nas mãos dos revolucionários fanáticos, essa ciência de desigualdade humana tinha que ser levada ao extremo. Manipulações biológicas e esterilizações eram insuficientes para alcançar as metas de perfeição ariana através de engenharia social, e a segregação também não era suficiente. A única solução total, “final” do problema da degeneração racial era destruir o contaminador, começando pelos alemães “defeituosos”.*

Hitler autorizou pessoalmente o programa ultrassecreto que foi chamado de “eutanásia” ou “morte misericordiosa”, sendo executado durante a guerra, em busca da perfeição da raça ariana que contava com o trabalho de profissionais da medicina e de parteiras, onde foram executadas várias operações assassinas que passavam por avaliações e seleção racial humana, com esse programa foram utilizados experimentos cruéis, esterilização em massa, inanição<sup>21</sup> e envenenamento, que ocorriam na Alemanha e nos territórios conquistados. A eutanásia era vista como um serviço essencial para a formação de uma raça biologicamente superior já que as pessoas deficientes e doentes estavam sendo eliminadas da sociedade, além de ser utilizado também a prática de fuzilamento em pacientes psiquiátricos.

Uma outra categoria de mulheres também teve participação dos assassinatos no Holocausto que eram as esposas dos homens da SS, por mais que não fizessem parte diretamente da divisão de trabalho, a proximidade com os assassinos e o

---

<sup>20</sup> Os barbitúricos atuam como substâncias depressoras do Sistema Nervoso Central, são usados como antiepilépticos, sedativos, hipnóticos e anestésicos. Essas substâncias são consideradas drogas, pois provocam a dependência física e psicológica.

<sup>21</sup> Segundo a medicina, é um estado em que a pessoa se encontra extremamente enfraquecida, por falta de alimentos ou por deficiência na sua assimilação.

fanatismo ideológico fez de muitas delas verdadeiras máquinas de matar, não era imposto a essas mulheres a obrigação de assassinar os inimigos do Reich e se houvesse recusa em tal ato não seriam punidas, desde que não quisesse salvá-los, porém se divertiam com essa ação devido aos alemães verem os guetos como uma área de divertimento, e era comum entre eles ir até os locais fuzilar os judeus.

Mediante aos acontecimentos da Segunda Guerra essas mulheres tiveram sua participação direta e indireta no Holocausto, sejam elas testemunhas, cúmplices ou perpetradoras, devido ao regime nazista mobilizar a geração jovem revolucionária que, de certa forma, foram condicionadas a aceitar, incitar e cometer violência em defesa ou afirmação da superioridade da Alemanha. Houve todo um processo de doutrinação e conformismo da população alemã para que os princípios defendidos por Hitler fossem seguidos e transformou o papel das mulheres e suas ações, que para fugir da vida doméstica que lhe era imposta e da repressão social acabaram se “libertando”, mesmo que ainda continuariam sendo controladas, mas agora em novos papéis.

Com o fim da guerra muitas mulheres foram presas e levadas para os campos de internamentos dos Aliados pelos Estados Unidos, pois tinham interesse em colher depoimentos sobre os acontecimentos da guerra e toda a mobilização da Alemanha, porém os registros de processos contra perpetradoras nazistas é muito precário, pois a maioria das alemãs que participaram do Holocausto voltaram a vida normal, tanto por terem fugido com a invasão dos americanos como pelo fato de terem sido isentas de acusação, e houve na época uma generalização sobre a inocência feminina que minimizou seu papel macabro, isso seu deu também devido a imagem da mulher como mártires<sup>22</sup> não combinar com as provas de suas más ações, e mesmo após todo ocorrido as mulheres voltaram a vida de que tanto fugia entre o período de 1933 e 1945 e não levaram nada do que conquistaram durante a guerra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com os estudos realizados neste artigo, percebe-se que a participação das mulheres alemãs na Segunda Guerra Mundial não foi totalmente positiva e que algumas tiveram ações negativas que acabaram por contribuir com o

---

<sup>22</sup> Pessoa submetida a torturas, a sacrifícios ou à morte por um ideal ou por uma crença.

Holocausto defendido por Hitler, fazendo com que o regime nazista crescesse e fosse visto como algo bom pela população jovem sonhadora. Essas mulheres viram no movimento uma oportunidade de fugir do aparato social que lhe era imposto e como um caminho de oportunidades onde poderiam exercer outras funções, conquistando direitos de trabalho e participação social, mesmo que não esperassem testemunhar e participar de todo aquele horror.

Wendy Lower foi a pioneira nas pesquisas e estudos sobre essas mulheres que nos possibilitou ter uma outra visão sobre sua participação, e podemos entender que além de serem doutrinadas foram também influenciadas. Mesmo que tivesse um certo controle sobre as funções que as mulheres poderiam exercer seus atos se tornaram um objeto de estudo importante para a compreensão de seu papel, que passou de uma simples esposa e dona de casa para perpetradoras do horror. E foi no leste europeu, região onde a população era de maioria judia, que se expandiu essa participação devido ter sido uma área de conquista e colonização alemã e muitas mulheres viam a ida para a região como uma oportunidade de vida e carreira profissional, onde ocuparam cargos vistos como masculinos.

Essas mulheres acreditavam que ao aderir ao regime nazista deixariam para trás a vida oprimida que levava e passariam a contribuir para a restauração da ordem e da tradição de um país devastado desde a Primeira Guerra, e participar do Holocausto era servir ao novo regime com lealdade. Jovens secretárias, auxiliares de escritório, arquivistas e telefonistas ajudaram a manter a máquina da mortífera de Hitler funcionando, não só autorizando massacres, mas participando de “caçadas” mortais a prisioneiros. Professoras ministravam aulas de “higiene racial” ensinando como distinguir quem era ariano e quem não era. Parteiras eliminavam crianças deficientes, deixando-as morrer de fome. As enfermeiras assistiram a experimentos médicos e aplicavam injeções letais. Guardas se exibiam com seus chicotes e se destacavam por atirar na cabeça dos presos.

A atração do regime nazista, a mentalidade brutal e o antissemitismo sem limites tornavam os alemães cruéis, e a Frente Leste se tornou uma região assustadora devido a todo horror que era praticado e propagado, cuja as mulheres exerciam suas funções normalmente sem nenhuma culpabilidade. Ao fim da guerra, as “feras” voltaram a ser “belas”, não foram perseguidas, nem sequer julgadas, pois ninguém acreditava que mulheres pudessem ter participado de tais monstruosidades, afinal, esse não seria um comportamento feminino normal. *As Mulheres do Nazismo*

mesmo após toda atrocidade voltaram para suas casas, lares, e a vida de que tanto fugiram durante a guerra, muitas delas negaram suas ações enquanto outras descreveram o que tinha ocorrido.

Em seu livro Lower traz relatos de testemunhas, cúmplices e perpetradoras que nos mostra um papel diferente das mulheres na história, que antes eram vistas como vítimas e agora elas aparecem como cúmplices e agentes de um regime macabro, que para justificar suas ações alegaram obediência ao marido e ao sistema, e podemos perceber a complexidade e a ambivalência entre as mulheres que participaram da Segunda Guerra Mundial, e não se deve fazer generalizações, pois muitas outras mulheres tiveram atos diferentes das que foram apresentadas neste artigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **A Expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENSOUSSAN, Fabio G. **Resenha: As Mulheres Do Nazismo, de Wendy Lower**. Disponível em: <http://www.revistasamizdat.com/2014/08/resenha-as-mulheres-do-nazismo-de-wendy.html>. Acesso em 03/06/2019.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade**, Revista Espaço Acadêmico, nº 154, p.129-138, 03/2014 – Mensal.

BURKER, Peter, (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Td. Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CONTEÚDO aberto. **Wendy Lower**. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Wendy\\_Lower](https://en.wikipedia.org/wiki/Wendy_Lower). Acesso em 26/04/2019.

FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo, (Org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo, (Org.). **Novos// Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos Melo. **O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson**, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300653140\\_ARQUIVO\\_Anpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300653140_ARQUIVO_Anpuh2011.pdf). Acesso em: 26/11/2018.

LEVI, Giovanni. **Sobre a Micro-História**. In: A Escrita da História: Novas Perspectivas (Org.), São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 134-161.

LOWER, Wendy. **As Mulheres do Nazismo**. Td. Ângela Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MORAES, Maria Célia Marcondes de, MÜLLER, Ricardo Gaspar. **História e Experiência**: Contribuições de E. P. Thompson à pesquisa em educação, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/9653/8882>. Acesso em: 26/11/2018.

MORESCO, Marcielly Cristina e RIBEIRO, Regiane. **O Conceito De Identidade Nos Estudos Culturais Britânicos E Latino-Americanos**: Um Resgate Teórico. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Paraná, vol. 14, nº 07, p. 168-183, 07/2015.

NOGUEIRA, Natania. **A Participação Feminina na Segunda Guerra Mundial**, 2015. Disponível em: <http://historiahoje.com/a-participacao-feminina-na-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 29/11/2018.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Td. Denise Bottmann. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres**. In: A Escrita da História: Novas Perspectivas (Org.), São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p.63-95.

SHARPE, Jim. **A História Vista de Baixo**. In: A Escrita da História: Novas Perspectivas (Org.), São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p.39-62.